

Vivemos num país democrático e podemos nos orgulhar disso. Aqui todos têm liberdade para ir e vir, falar, seguir qualquer religião, votar em qualquer partido político.

O mundo nos reconhece como uma nação tolerante, mas os direitos de uma parcela da população brasileira ainda não são plenamente respeitados. No Brasil, ainda há discriminação contra os negros.

Eu conheço muito bem esse problema. Antes mesmo de entrar na política, quando eu era professor na Universidade de São Paulo, estudei o assunto.

Em 1960, junto com o professor Otávio Ianni, escrevi um livro, *Cor e mobilidade social em Florianópolis*. Em 1972, publiquei outro livro, *Capitalismo e escravidão no Brasil Meridional*. O negro lutou por um país mais próspero e mais justo e continua lutando.

Na ciência e na literatura, a presença afro-brasileira é predominante. Chegou a hora de enfrentar esse problema com coragem e determinação, enfrentar com políticas concretas.

E nós já começamos. O Ministério da Educação eliminou os livros didáticos que estimulavam o preconceito. A partir do ano que vem, os livros vão chegar às salas de aula do primeiro e do segundo graus sem lições que estimulem discriminação e racismo. E vamos criar um grupo de trabalho para definir outras políticas de valorização da comunidade afro-brasileira.

Os meios de comunicação devem mostrar o negro em condições de igualdade com toda a população. A lei que pune os crimes de racismo

deve ser aplicada com mais rigor. A polícia não pode continuar a discriminar quando aplica a lei. Aliás, a lei precisa ser aperfeiçoada, já pedi ao Ministério da Justiça para tomar as providências. Além disso, para acabar com a violência policial, vão ser organizados cursos sobre direitos humanos para os policiais. E já determinei ao Ministério do Trabalho que coloque, efetivamente, em prática uma Convenção da Organização Internacional do Trabalho que determina a igualdade racial no mercado de trabalho.

E, nesse processo, o papel dos empresários é muito importante. Um bom exemplo tem sido dado pelas empresas que estão adotando programas que garantem a igualdade no trabalho. Nós precisamos assegurar as mesmas condições de emprego para todos os brasileiros.

Aliás, não só os empresários, toda a sociedade deve entrar nessa luta. Só assim teremos um Brasil com mais justiça social.

Neste mês de novembro, temos uma grande oportunidade para entrar firmes nessa luta. É que, no dia 20, rememoraremos os 300 anos da morte de Zumbi dos Palmares, um brasileiro que lutou pelo fim da escravidão, lutou pela liberdade e deixou uma lição que vale muito para todos nós, hoje: o espírito comunitário. Ele viveu no Quilombo dos Palmares, que acolhia negros, índios, judeus e até muçulmanos.

Zumbi morreu porque sonhava com uma vida melhor para todos, não se contentava com a liberdade só para ele. Agora, as crianças de primeiro e de segundo grau vão conhecer melhor a história de

Zumbi, através de uma cartilha que será distribuída pelo Ministério da Educação e pela Fundação Palmares, ligada ao Ministério da Cultura.

No dia 20, o País vai se recordar do tricentenário da morte de Zumbi. Brasileiros de todos os cantos do País vão fazer uma marcha em Brasília. Já era tempo de reparar o esquecimento.

Zumbi dos Palmares é parte da História Nacional.